

*ASPECTOS DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS**

José Auth**

Frederico Joannon***

Aspecto de movimento estudantil

Os estudantes universitários têm, majoritariamente, entre 18 e 23 anos; isto é, são jovens adolescentes ou vivem

* Tradução de Diego Marques.

- Nota do tradutor: A principal alteração que fizemos no processo de tradução foi a escolha por não traduzir a palavra “dimensión” por seu homólogo em português, “dimensão”, pois optamos pela palavra aspecto, que expressa melhor a intenção dos autores de abordar diferentes questões que surgem em torno do movimento estudantil.

** Intelectual e político chileno, também conhecido como Pepe Auth. Tem formação em Ciências Sociais, com estudo de pós-graduação sob orientação do sociólogo francês Alain Touraine; autor de diversos livros sobre movimento estudantil e outros temas.

*** Professor, advogado e jornalista chileno, cursou a pós-graduação na FLACSO-Chile e autor de diversas obras.

as efervescências críticas da adolescência.

Definida a adolescência por um referente fisiológico (a puberdade) e outro social (a aquisição do *status* de responsabilidade), é indubitável que a necessidade de mão-de-obra altamente qualificada exige que a sociedade moderna prolongue o período de estudos até os 21-25 anos, no caso universitário. Outra série de qualificações surgem, sobretudo, nos países de grande desenvolvimento industrial, mas continua sendo comum para vastos contingentes humanos terminarem abruptamente sua adolescência entre os 16-19 anos, com sua incorporação no mundo do trabalho, que insere o jovem nas mesmas condições sociais que o adulto. Se trata, em resumo, de que enquanto o jovem universitário estuda e com isso prolonga seu estágio juvenil, seus pares se encontram na produção ou ao menos no trabalho, com frequência casados e/ou com filhos, enfim, independentes de suas famílias e responsáveis de si mesmos e/ou de outras pessoas, em todos os sentidos.

Uma situação ainda não muito explicada é a da juventude marginal, de significativa dimensão nos países do

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[38]

Terceiro Mundo, que interrompe ou finaliza seus estudos secundários e não encontra espaço nas relações de trabalho, mantendo-se na adolescência, mas com a diferença do universitário, sem espaço institucionalizado onde permanecer, nem promessa futura de incorporação ao mundo adulto.

O jovem adolescente vive intensamente o conflito de aceitação-rejeição que é gerado com seu ingresso no sistema. Além disso, ainda que preparado física e intelectualmente para assumir as responsabilidades que lhes são imputadas, são obrigados a permanecer em uma situação intermediária, não mais criança e tampouco ainda é adulto, compartilhando aspectos de ambos os grupos sem ser parte integrante de nenhum.

Em termos psicológicos, a questão central do período é a busca de identidade, antes referida aos mais velhos, hoje necessitados da própria identidade. Esta busca existencial equivale a colocar em dúvida pautas, valores e referências paternas e, por isso, o processo de ressocialização. Não é este um momento fácil, nem isento de tensões; envolve em graus diversos a negação radical da

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[39]

autoridade paterna, pois a individualidade que se busca afirmar requer de um enfrentamento contra os mais velhos e seu sistema normativo. Depois de tudo, este processo implica um desprendimento das estruturas de dependência, que foram introjetadas até o ponto que sua negação significa a disputa consigo mesmo e o desejo contraditório de permanecer sob a segurança que outorga a dependência. Aqui origina-se a angústia existencial que caracteriza a adolescência, angústia exacerbada pela crescente incerteza de admissão na sociedade.

Quando se fala da rebeldia natural da juventude se está fazendo referência à rejeição por parte dos jovens do conjunto de normas e pautas sociais percebidas como provenientes da autoridade dos adultos, e a distância de suas orientações e condutas transmitidas (por suposição, o mundo real dos adultos é muito distante do que persiste em suas pautas normativas). Rebeldia que se afirma coletivamente, porque assim como o jovem define frente a seus pais a sua individualidade e sua independência pessoal, é dependente de sua aceitação, popularidade ou aproximação com outros jovens.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[40]

O grupo de iguais ou pares é, então, de vital importância na juventude e se desenvolve nele uma infinidade de pautas sociais próprias configurando uma subcultura a qual o jovem deve obediência, tal como é rebelde com a família. Aprendem suas pautas sociais muito mais entre seus iguais do que nas estruturas familiares. Para o rebelde, o grau de emancipação da família é um “valor” principal, gerador de prestígio. John Stuart Mill fala de “determinismo edípico” para referir-se à inevitável re-negação que cada geração faz da anterior e o caráter trágico que tal re-negação assume.

Na maioria das vezes os movimentos estudantis ostentam um explícito caráter geracional, o que é mais perceptível quanto mais for gerontocrática a sociedade onde surge.

Visualiza o mundo adulto como alheio e a integração a ele como mera capitulação, posição que se estende, às vezes, às oposições que utiliza, detratadas como parte do jogo, porque tal como diz o radicalismo geracional, “não se trata de sentarmos à opulenta mesa dos velhos, mas de derrubá-la”.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[41]

A base da constituição de uma nova geração é o processo de desautorização dos adultos. A velhice e o tradicionalismo do poder, a sobrecarga do sistema normativo, o fracasso das gerações anteriores, expresso na distância entre os princípios preconizados e transmitidos e a realidade da qual são responsáveis. Estes elementos animam o caráter geracional de um movimento, fortalecido inusitadamente quando algum de seus membros é agredido pelo sistema.

Lewis Feuer (1971), que estudou inúmeros movimentos estudantis desde a perspectiva da luta geracional, nos revela o importante papel do imperativo ético na constituição e ação do movimento estudantil. O próprio Max Weber associava à maturidade uma “ética da responsabilidade” e à juventude uma “ética pura de fins absolutos”. Deste modo, toda geração assume ser portadora de uma missão histórica inevitável de purificação, o que explica a reiteração em seu discurso de verbos de limpeza radical frente a um mundo sujo.

Não por acaso a tendência ao suicídio caminha estreitamente associada aos movimentos com marcada

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[42]

explosão geracional. O destino trágico de grande parte de líderes da FECH dos anos 20 confirma essa relação em nosso país, mas o caso mais demonstrativo é o caso do populismo russo de fins do século XIX. Feuer mostra que, em países com “equilíbrio geracional”, os suicídios estão concentrados nos grupos de idade avançada, enquanto que é predominante entre os jovens de 15 a 30 anos nas sociedades desequilibradas desde o ponto de vista geracional.

Outro elemento importante é que junto com uma geração há sempre um acontecimento comum que se converte no referente de sua constituição, geralmente uma situação ou sucesso que os afeta em sua condição ou os impacta culturalmente. A Guerra do Vietnã para a geração dos anos 60, nas universidades norte-americanas, por exemplo, foi estímulo decisivo para a constituição do movimento estudantil naquele período.

O caráter juvenil-geracional dos movimentos estudantis explica alguns fenômenos e características recorrentes, como a busca de profetas, projetos grandiosos, causas heroicas, etc. O fato de assumir padrões rígidos de

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[43]

conduta obedece à necessidade de institucionalizar uma condição social que ponha fim à ambiguidade da ruptura com a autoridade paterna. Para Karl Mannheim, o fanatismo intelectual é expressão da “ansiedade por acabar com o desgaste que produz uma situação provisória por meio da adoção de um credo categórico”. Não há um impulso univocamente libertário associado à adolescência, como às vezes se faz crer. O autoritarismo, do ponto de vista psicológico, é uma “tendência a colocar-se em situações de dominação ou submissão frente a outros como consequência de uma básica insegurança do eu” (Theodor Adorno); a etapa adolescente, caracterizada pela dependência e a necessidade de rompê-la, parece gerar um estado de ansiedade em direção a um comportamento autoritário no qual se enfrenta a autoridade paterna com outros sistemas de autoridades mais fortes e excludentes, sendo típico deste período a configuração de grupos que exigem total submissão autoritária.

Alguns autores (FEUER, 1971; NIETO, 1971) interpretam como traços característicos, da situação anteriormente descrita, o populismo ou os agrupamentos

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[44]

políticos de esquerda que se constituem a partir de rupturas com os partidos tradicionais. Este aspecto se explica como rejeição geracional ao pai coletivo que representa o partido e a afirmação da personalidade pela via da diferenciação, que se ergue sob uma crítica radical feita em nome das tradições, princípios e valores traídos pela política das gerações anteriores. O populismo, pensam, estava originariamente vinculado à rebelião geracional, já que o primeiro encontro com as distinções de raça e classe aparecem sob a forma de ordem paterna. O povo, o campesinato, o proletariado, se tornam, então, uma espécie de consciência alternativa projetada que substitui os pais; uma nova e oposta autoridade paterna, a qual é imputada a encarnação de princípios e valores que se contrapõem ao “*establishment*”.

A busca da identidade caminha junto com a evolução da sexualidade adolescente, antes ligada profundamente à relação com os pais, que são, segundo Freud, os receptores da libido. A ruptura-superação desta relação no estabelecimento de relações heterossexuais é um impulso chave da rebelião geracional, sobretudo quando o

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[45]

sistema normativo opera com força para demonstrar sua realização. A libertação sexual se torna, assim, em um dos principais traços da subcultura juvenil. A maior parte dos movimentos estudantis desenvolvem pautas de comportamento sexual distantes, quando não francamente opostas, às do mundo adulto.

Além disso, Feuer relaciona o alto grau de repressão sexual com o ativismo desenfreado, quer seja motivado pela não incorporação da mulher à rebeldia geracional ou pela fabricação de impedimentos morais. A obsessão militantista de alguns estudantes – diz Feuer – esconde uma sexualidade reprimida ou insatisfeita, e o ativismo seria uma sorte de sublimação da energia sexual contida.

Por último, temos que destacar a importância dos estudantes de província, que vivem em pensões ou casas de estudantes, marcados por certo grau de emancipação da família que o distanciamento implica e pela conformação de grupos de iguais que facilitam e animam a configuração de um mundo próprio, no qual se desenvolvem inúmeros códigos, padrões de comportamento e valores comuns,

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[46]

distintos dos valores dominantes. Estas pequenas comunidades operam como núcleos referenciais de grande influência e capacidade de permeabilização cultural no conjunto dos estudantes.

Resumindo, não se pode duvidar que o impulso geracional e os conflitos próprios da adolescência estejam presentes e se expressam na constituição e ação dos diversos movimentos estudantis, ainda que sempre em conjunção e tensão com outros aspectos ou impulsos. Alguns autores, entre eles Feuer, reagiram contra a leitura classista dos movimentos com uma interpretação igualmente totalizante, onde “a história de todas as sociedades até os nossos dias é a história da luta entre as gerações”. Assim, o que inicialmente aparece como um novo caminho para as pesquisas em movimentos sociais, termina configurando uma nova dogmática.

Fundamental é ter em conta que o laço geracional tem distinta força em cada movimento, de modo que a leitura nesta perspectiva aportará graus diferentes de inteligibilidade, dependendo de qual o movimento específico se trata. É assim, por exemplo, com o universo

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[47]

de protestos estudantis da segunda metade da década de 1960 com o seu forte componente geracional, mas resulta claramente mais explícito nos EUA que na Itália, e nesta mais que na França e na Alemanha, e nestes muito mais que na América Latina. E, no interior do nosso país, muito mais na Universidade Católica do Chile do que na Universidade do Chile.

A afirmação anterior tem relação com os distintos aspectos do meio no qual se constituem e se desenvolvem os movimentos: a velhice das elites dominantes, o peso do sistema normativo, a distância entre os padrões e valores transmitidos e a realidade, a capacidade do sistema social de integrar a juventude, a carência de horizonte utópico dos grupos dirigentes, o grau de facilitação do encontro geracional na universidade, a eficácia e alternância das oposições adultas, etc.

Aspecto de movimento universitário

Através do estudo da Universidade, seu papel na estrutura social, a relação que com ela estabelecem os estudantes, o papel destes no processo de aprendizagem, o tipo de vínculo com o saber, sua função na organização da

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[48]

universidade, etc., podemos nos aproximar ao que é em essência a situação social do estudante, mais ainda que se recorrêssemos à origem e/ou destino de classe do estudante.

O movimento estudantil universitário é, antes de tudo, precisamente isso: universitário, porque somente recorrendo à universidade e a seus condicionamentos se pode explicar grande parte de sua existência.

A Universidade, enquanto instituição social é, segundo Garretón (1979), o lugar de produção e reprodução de uma ordem social e também um lugar de contradição com ela. Falamos de um tipo de inserção reprodutora e outro tipo de inserção contraditória com a sociedade por parte da universidade. A primeira se refere à dimensão de continuidade e se assegura pela transmissão de valores e conhecimentos e pela inserção de seus egressos na estrutura ocupacional e de classes. A segunda aponta para a dimensão de mudança e se assegura pelo encontro geracional, a produção (e não somente reprodução) de conhecimento, com o caráter crítico deste e com a livre investigação e discussão cultural, e pela geração de movimentos sociais. Assim, a Universidade expressa e mediatiza um projeto

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[49]

histórico e social, mas também expressa e mediatiza “contraprojetos sociais”. Temos que sublinhar que, particularmente nos países do Terceiro Mundo, a Universidade tem um papel central na constituição de uma nova classe média e é um dos principais lugares de recrutamento das elites políticas e dos grupos de direção da sociedade.

O que importa na caracterização da condição estudantil é a especificação histórica concreta da universidade e de suas funções. Interessará saber seu grau de autonomia em relação ao poder estatal, seu papel no modelo de desenvolvimento, sua vinculação com os diversos grupos sociais, a relação de sua evolução com a sociedade e a centralidade do saber no funcionamento social. Do mesmo modo, será importante também examinar a função do estudante no processo de aprendizagem, o tipo de relação que estabelece com o saber, seu papel na condução da universidade, a forma de convivência física que a Universidade tende a gerar, o tamanho do campus e das comunidades escolares, as condições do encontro entre

professores e alunos, o caráter da formação, as demandas por futuros profissionais, etc.

O estudante universitário está de frente um esquema de tripla identificação: é cientista, ou intelectual ou profissional, ou ao menos pretende sê-lo. O tipo de carreira tem estreita relação, por certo, com a ênfase que adquire cada um dos termos do esquema, mas em todas estão presentes e operam um dos três, portanto, o que nos interessa é a articulação concreta e específica que cada indivíduo e coletividade produzem. O cientista está associado ao distanciamento, objetividade, rigor e, de certo modo, à neutralidade; a figura do profissional, por outro lado, tem ressonâncias de funcionalidade, operação de uma máquina desenhada e construída por outros, de engrenagem e, por último, de integração acrílica e beneficiada materialmente do sistema; o intelectual representa a posição da crítica radical, a negativa a integrar-se no sistema, a identificação com os dominados, a convicção da verdade e a vocação de transformação social.

É no marco da tensão entre essas figuras, que são tipos ideais, que se constitui a identidade estudantil.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[51]

Entretanto, examinemos alguns dos aspectos universais da condição universitária contemporânea.

A condição universitária representa uma situação de privilégio considerado o conjunto da juventude. De certo modo, a passagem pela universidade é a conquista ou a confirmação de uma situação social de privilégio. Mas quanto de conquista e quanto de confirmação existem nas promoções universitárias é um dado importante na relação que estas estabelecem com a universidade porque é diferente, supomos, se se trata de um canal de ascensão ou de ritual de pertencimento de classe. Esta constatação, que até pouco tempo era irrefutável, hoje precisa ser relativizada; digamos que a clareza da condição de privilégio se oculta com o desenvolvimento de grandes universidades de massa, que põem em dúvida a segurança enquanto mecanismo de afirmação e de mobilidade social. Assim, a preocupação pelo ingresso na universidade é substituída, em parte, pela angústia em relação à permanência, egresso e, sobretudo, a futura colocação profissional.

Onde há vida universitária esta cria o seu *habitat*, suas áreas de trânsito, seus itinerários obrigatórios. Os estudantes se definem como tais pela significação e pela função simbólica que conferem, unanimemente, às suas atividades. Os universitários sobrevalorizam sua condição; vestimenta peculiar e distintiva, acompanhados de seus cadernos e mochilas, a vida em grupo e extrovertida, frequentar cine-artes e cafés, etc.

É certo que há diferentes modos de ser universitário, e estes modos estão em disputa, mas há um modo dominante e genérico de ser estudante, e que é facilmente reconhecido por um estranho. Às vezes é possível distinguir a universidade de origem do estudante pelo seu modo de ser e de se comportar. É tão poderosa a identidade estudantil que muitos estudantes consomem unicamente os produtos que simbolizam suas atividades, como as discussões nos cafés, o estudo solitário nas cafeterias e inclusive a participação na política.

A grande comunidade simbólica e a poderosa força de identificação comunitária que tem os estudantes faz com que se esteja dentro ou fora dela, contribuindo para

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[53]

um isolamento que lhe é próprio, dificultando sua capacidade para permear um movimento mais amplo ou diluir-se em uma atividade que transcenda o espaço estudantil. É tal a sua força como comunidade que tende provocar no estranho ao grupo a inibição, quando não provoca o temor e o distanciamento.

“A universidade é um gueto de ouro em um mundo de merda”, escreviam os estudantes italianos em 1968 expressando uma situação de ocorrência quase universal, a autonomia relativa da universidade em relação ao conjunto da sociedade. Com efeito, uma intensa dinâmica interna com lógica própria leva a muitas vezes a diferenciar-se no que diz respeito ao grau de liberdade e democracia, ao clima ideológico e político do restante da sociedade, a tal ponto de constituir-se situações de verdadeira defasagem.

Pode ocorrer, então, que se desenvolva na Universidade uma formação acadêmica predominantemente crítica da situação geral, operando quase institucionalmente como escolas contra o poder. Este processo é influenciado pelo encontro das gerações novas com aquelas que fracassaram nas suas tentativas de alcançar

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[54]

o poder, e que permaneceram como grupos contestatórios em diversos graus de marginalidade, mas que estão à espera de futuras ousadias. Esta é uma situação bastante comum nas universidades latino-americanas. Ainda que seja frequente o elevado grau de diferenciação com o restante das sociedades em que se inserem, gerando situações de isolamento quase absoluto, anulando toda capacidade de relações com o entorno do grupo estudantil.

O desenvolvimento contemporâneo da educação em geral, e do ensino superior em particular, significou o surgimento das Universidades de Massas: grandes instituições burocráticas com números de alunos muito superior às suas capacidades reais, que funcionam em enormes *campi* semelhantes às verdadeiras cidades modernas. Simultaneamente, ocorreu um processo de fragmentação do conhecimento, derivado tanto do vertiginoso avanço das ciências, como da necessidade da sociedade formar especialistas em cada um dos ramos do saber científico e tecnológico. O que gerou um relaxamento, e em muitos casos, a um esquecimento, do que significa o “*universitas*” da Universidade e, por

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[55]

consequência, se perdeu um dos seus pressupostos: o sentido de comunidade. Completa esse quadro uma formação profissional que se revela cada dia mais inadequada em relação às necessidades do mercado e numericamente mais afastada da demanda e da capacidade estatal para absolvê-la.

Daqui que seja precisamente a conjugação de dois tipos de aspirações e demandas características dos movimentos estudantis contemporâneos. Por um lado, do radicalismo proveniente do mal-estar cultural, da resistência e do medo de perder-se na triste vida do homem unidimensional, surge a demanda por formação integral, pela recuperação da ideia de homem universal e pela participação nas grandes transformações sociais. Por outro lado, do profissionalismo ligado ao temor de não encontrar ocupação profissional depois do egresso da universidade, surge a demanda por melhor preparação, na perspectiva de ter melhores condições de competição no mercado de trabalho.

O crescimento em tamanho das universidades faz com que os estudantes tenham um novo papel, não mais

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[56]

somente como elites dinamizadoras dos movimentos de massa, se não que os próprios estudantes se tornam parte das massas.

Quando os centros universitários estão localizados no seio das cidades importantes e em lugares centrais, seu efeito político é mais imediato e espetacular. Próximo de nós é o caso da Universidade Católica de Valparaíso onde, graças a sua estratégica localização, as manifestações alcançam grande repercussão. O que contrasta, por exemplo, com as manifestações do Campus La Reina da Universidade de Chile em Santiago, encravada em uma zona pré-cordilheira.

Na América Latina e no Terceiro Mundo em geral, onde as universidades jogam um papel progressista e gerador de elites reformadoras da sociedade, se espera que os estudantes participem da política e, além disso, que expressem as posições mais radicais. Parte do sentido comum popular é que intervenham decididamente nas lutas contra as elites militares e há toda uma mistificação sobre tal assunto nas releituras do passado.

Acontece uma socialização política dentro da universidade, ou seja, uma associação íntima entre a condição universitária e a participação na política, tanto que esta última passa a ser parte fundamental do *ethos* estudantil e, por suposição, da sua cultura. Além disso, a tradição iluminista e as ideologias oitocentistas que nutrem a formação das universidades nacionais, dão a estas intervenções na política um carácter nobre e superior por constituir a elite intelectual, iluminada e iluminante, sem interesses materiais em jogo. Deste modo, a importância política dos movimentos estudantis é, em certas ocasiões, um elemento a mais de prestígio do grupo estudantil.

Obviamente, há uma infinita variedade de elementos que geram distinções no que se refere à Universidade e é difícil assinalar sentidos unívocos a cada um deles. É sua articulação concreta e complexa a que influi na constituição e no carácter dos movimentos estudantis. Na continuação nos referiremos a alguns destes elementos – alguns já mencionados anteriormente – por sua importância e maior continuidade na determinação das condutas estudantis.

Em primeiro lugar: o recrutamento: a origem social de quem ingressa na universidade e a regularidade ou excepcionalidade de tal fato. Os “herdeiros” – aqueles cujos pais são universitários e que por isto seu ingresso no Ensino Superior é mera confirmação de um caminho anteriormente traçado – são os que mais se aproximam ao “*ethos*” estudantil assinalado. Em universidades inseridas em sociedades que não vivem, ou não tenham vivido, processos de democratização suficientemente claros e estáveis, as mulheres e os jovens provenientes dos estratos sociais mais baixos, e para os quais a condição estudantil não tem uma projeção tão óbvia no que a ocupação e os rendimentos futuros, tendem a se distanciar do modo de ser característico dos estudantes, assumindo, em geral, uma atitude de conformismo e de compromisso muito maior em relação aos estudos e ao trabalho.

Em segundo lugar, e muito vinculado com o anterior, está a relação da formação universitária, em termos de sua qualidade e do número de alunos de cada carreira, com os mercados profissionais: a demanda real existente e suas projeções. Diferente será a atitude em caso

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[59]

de emprego garantido, visualização de uma forte competição no mercado, ou simplesmente desemprego ou subemprego. O maior compromisso com os estudos e menor participação política estão associados à segunda situação; as outras duas, paradoxalmente, tendem a permitir condutas políticas radicais, mesmo que de diferentes origens. Talvez a situação mais conflituosa corresponda em logo prazo às expectativas profissionais anuladas.

A questão da carreira ou da especialização é uma das variáveis mais estudadas, ainda que não se possa extrair das pesquisas conclusões claras e de validade universal.

Para Touraine (1975), “os elementos mais dispostos para a ação política não se encontram nas disciplinas mais profissionais, se não ali onde uma formação intelectual geral e o choque com problemas sociais agudos coloca a estudante frente às responsabilidades sociais do conhecimento sem integrá-lo em uma carreira ou numa determinada posição profissional”. Ou seja, no triplo esquema sob o qual se forja a condição estudantil, há o predomínio do intelectual.

As carreiras mais típicas desta situação são especialidades como sociologia, antropologia, literatura, etc.; e ainda mais para aqueles que estudam pedagogia, tradicionalmente ativos e radicais, com uma formação superficial, mas generalista, impelidos a cumprir uma função cultural reprodutora, com uma inserção profissional clara, mas geralmente pobre e, sobretudo, enfrentando uma realidade que contradiz a base doutrinária da formação em pedagogia, predominantemente liberal e democrática. Não são propriamente intelectuais, estão longe de ser cientistas, profissionais não valorizados, e com uma função social decisiva para o sistema, os aprendizes de professores são a expressão mais resumida da problemática estudantil.

Por sua vez, os estudantes da área de saúde, particularmente os estudantes de medicina, têm um papel destacado nos movimentos estudantis latino-americanos. Inseridos em uma posição profissional de grande prestígio, com renda alta e com uma formação eminentemente técnica, prevalece neles um forte sentimento de formação integral e universalista e uma profunda vocação de transformação social, o que está intimamente vinculado à

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[61]

frustração individual que provoca a ascensão médica em um contexto gerador e reprodutor de doenças. As profissões da área de Saúde, diferentemente das Sociais e da Pedagogia, implicam em estudantes de tempo completo, obrigatoriedade da presença nas aulas, enfim, escasso tempo livre e compromisso absoluto com os estudos, questões que conspiram contra o ativismo político. Mas como contrapartida desta situação, está o espírito de corpo, o coletivismo no cotidiano acadêmico, o grande sentido comunitário e a força com que se desenvolve uma cultura estudantil própria.

Com os estudantes de Ciências ocorre algo parecido com relação ao tempo livre, compromisso com o cotidiano acadêmico e senso comunitário, somando-se a isto uma grande intensidade no encontro geracional, próprio do trabalho de laboratório e de investigação, que supõe sempre um contato pessoal e permanente do professor com seus alunos, geralmente em pequeno número. O grau de interação comunitária é, aqui, muito grande e os professores fazem o papel de mestres ou guias espirituais. Neste caso, o protesto estudantil dependerá, em grande medida, desta

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[62]

relação, do posicionamento e das atitudes dos professores. Geralmente, se pode dizer que os estudantes participam em menor grau das agrupações políticas, mas quando tomam parte no movimento o fazem de maneira massiva e com intenso senso de comunidade, marcadamente em diferentes escolas ou faculdades, ou mesmo em diferentes ramos do saber.

A inserção ocupacional dos estudantes de Ciências é variável, mas na maioria das vezes ocupam postos na própria instituição universitária ou instituições similares. Por este fato sua preocupação central é com o que ocorre na universidade e é sempre com o inconformismo com a Instituição que se constitui seu protesto. São, se se pode dizer assim, reformistas por antonomásia: seu questionamento do poder político parte fundamentalmente do problema da autonomia da universidade e do uso da ciência (projetada para si mesma e para o progresso humano) para tarefas de destruição da vida. Por outro lado, estudantes de Arquitetura e de Artes compartilham algumas características em comum. Ambas fazem parte das profissões mais liberais, onde podem aceitar ou rechaçar

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[63]

determinados trabalhos e suas atividades não têm uma regularidade fixa; geralmente, extensas jornadas de trabalho são precedidas por igual tempo de descanso. Além disso, a imaginação e a criatividade são decisivas; e em ambas as carreiras se desenvolve a boemia cultural, aparentada da boemia política, características que encontramos nos estudantes de filosofia, sociologia e afins. Em boa parte dos casos participam dos movimentos estudantis imprimindo-lhes um selo característico às suas ações: radical, artística e de grande espetacularidade, com preocupação pelas formas, geralmente animada por um forte componente anarquista e libertário, tanto orgânica, quanto ideologicamente.

Os estudantes de Direito, por sua parte, sempre ocupam posição destacada na composição orgânica do movimento e em suas representações políticas. Particularmente na América Latina assumem a posição de profissionais da política, e é nesta dimensão que se renovam as elites dirigentes dos países latinos. Sua formação universalista e a preocupação institucional os aproximam da política estatista. Com elevado número de estudantes

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[64]

ativos e inquietos por participar, seu protesto é muito mais por temas nacionais e de alta política, preferencialmente em referência ao Estado. O número de estudantes afiliados politicamente é muito grande. No geral, organizativa e ideologicamente tendem a ser menos radicais que o restante do movimento estudantil. Esta é uma das carreiras onde a política assemelha-se com a do “mundo dos adultos”, tanto em matéria organizativa quanto ideológica. Não casualmente é aqui onde os grupos de direita têm maior expressão.

Obviamente que o dito anteriormente sobre as carreiras não são leis sociais. O tipo de movimento dirá bastante sobre o papel que ocupa os estudantes de diferentes escolas, e o espaço que ocupa de casualidade. Os estudos diferem em diferentes universidades e diferentes países, ainda que se trate da mesma especialidade, e o mesmo ocorre com as profissões, as expectativas de trabalho e de renda, assim como o prestígio obtido por cada carreira.

Por último, se pode dizer que, em geral, o ponto de partida da insatisfação do Movimento Estudantil é com a

realidade universitária em que vivem, na maioria das vezes tão global e radical como assinala o seguinte fragmento:

Se para o catedrático a Universidade é um feudo, para o estudante é um aparato repressivo, onde diariamente se exercita uma forma de violência que é tanto mais perversa quanto que opera mascarada sob o pretexto da exigência de aprendizagem de uma formação profissional. Os exames, as lições, a perda de tempo, a doutrinação, os procedimentos disciplinares, a imposição da Ciência e da Cultura, são formas de imposição e de controle exercidos sobre os estudantes. Assim, para que serve a Universidade? Para doutrinar os estudantes, para fazê-los autoritários e incapazes de discutir, para fazer os estudantes perderem a capacidade de individualizar a dimensão política e social do que estão estudando. E por que os catedráticos têm todos os poderes e os estudantes somente os deveres? Por que os estudantes devem limitar-se a aprender como se manda e como se obedece, a desconhecer a crítica, a compreender que a Ciência e a Cultura são propriedades privadas dos catedráticos e que para chegar a eles é necessário submeter-se? (Documento da Faculdade de Letras, Leis e Magistério, Universidade de Turim, 1968).

É este radicalismo que é combinado com o profetismo estudantil e com a demanda por melhorias na educação para resolver mais facilmente a questão da

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[66]

ocupação futura, constituem o mais característico do movimento estudantil contemporâneo. A ideia de Reforma Universitária, de presença tão universal na contestação estudantil, é a expressão mais clara desta conjugação.

Aspecto de movimento social

Quando falamos de “movimento” para nos referir aos protestos estudantis o fazemos sem, no entanto, esquecer das ambiguidades que surgem quando do uso deste termo. Fazemos alusão a uma experiência específica de um país, de uma universidade, de um momento, de uma ideologia, de uma organização..., ou prescindimos destes particularismos pensando em certa existência genérica, além do tempo e do espaço, assim como o fazemos quando dizemos “movimento operário”?

Sem dúvida que a transitoriedade caracteriza a ação estudantil: seus atores, individuais e coletivos, são extremamente passageiros. O “ativista”, como tal, opera por um período de tempo de aproximadamente cinco anos. A base estudantil universitária se renova parcialmente todos os anos e em um quinquênio, na maioria das vezes, se altera por completo.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[67]

Por conseguinte, podemos dizer que os estudantes não têm memória coletiva que avalie a conduta presente.

Ainda que em diferentes lugares e tempos, a ação estudantil tende a assemelhar-se, a frequentemente gerar características e situações em comum, e que têm relação com a fonte geracional de seu conflito e sua constituição em referência à Universidade que, não permanecendo inalterada ao longo da história, ainda conserva uma porção de universalidade quanto à sua função e a imposição que exerce sobre os estudantes.

De acordo com o exposto anteriormente, utilizamos o conceito de Movimento Estudantil para nos referirmos a uma luta específica dos estudantes, sendo exemplos: a reforma universitária, a queda de um ditador, a formação de um bloco político nacional, a renovação cultural da sociedade, etc.

Um movimento social é o produto da *conjunção, em um determinado momento, de grupos sociais que dirigem sua ação para conseguir o controle da mudança social que objetivam* (TOURAINÉ, 1971).

Desta tentativa de definição se extraem os elementos essenciais de todos os movimentos sociais e fundamenta a afirmação de que os movimentos estudantis são movimentos sociais.

1. *É a união momentânea de grupos sociais particulares.* No caso do movimento estudantil estes grupos sociais são: os *estudantes universitários*, os *jovens não universitários*, os *profissionais e técnicos jovens*, os *intelectuais* e, por último, os *estudantes secundaristas*.

Em primeiro lugar estão os estudantes universitários. Estes têm *características* que explicam porque que em certas ocasiões se comprometem com mudanças gerais na sociedade, e que podemos sintetizar da seguinte forma:

- a) Como uma força de trabalho intelectual em processo de formação. Este fato os tornam sumamente sensíveis aos problemas da estrutura de trabalho, principalmente para aqueles que estão descontentes com a falta de mobilidade social (consequência da incapacidade capitalista).

- b) Os estudantes universitários são um grupo heterogêneo por excelência, isto por muitas razões e, principalmente, devido ao fato de a universidade ser um lugar privilegiado para o “encontro geracional” que afeta de diferentes formas os estudantes e se encontra em situação de privilégio quanto ao “debate e encontro ideológico”.
- c) Apesar do que foi afirmado anteriormente, também mostram certas características de homogeneidade, como o pertencimento aos setores médios de população e que, em sua maioria, são jovens (homogeneização geracional).

Em segundo lugar estão *os jovens não universitários*. Estes se sentem vinculados com os universitários por um “nexo geracional”. É difícil caracterizá-los por serem um grupo muito grande e heterogêneo. Contudo, é necessário assinalar – de forma muito geral por não ser o objetivo deste trabalho – uma característica peculiar a este segmento: majoritariamente são jovens que não tiveram oportunidade de entrar na universidade – por problemas econômicos ou outros.

Em terceiro lugar estão os *profissionais e técnicos jovens*, que se sentem vinculados aos jovens por um “*nexo de interesse*”. Sucintamente podemos caracterizá-los assinalando que são um grupo social particular com problemas comuns aos problemas dos universitários, principalmente com os estudantes que reivindicam melhores posições no mercado de trabalho ou avanços na mobilidade social. Temos ainda que adicionar um vínculo de valores e ideológico, já que, mesmo não sendo mais universitários, também não se vinculam com outros atores sociais, da mesma forma como se identifica com o movimento estudantil (inclusive, nesta identificação com o movimento estudantil pode influir um fator como a saudade da época de estudante).

Em quarto lugar estão os *intelectuais*, que também estão vinculados aos estudantes por um “*nexo de interesse*”. A relação entre os dois atores é complexa: por um lado ocorre o que chamamos de “proselitismo ideológico” e, por outro lado, aquilo que diz respeito à empreitada em comum dos intelectuais e da juventude “intelectual”: “a transformação da sociedade”.

Em quinto lugar estão os *professores universitários*, que estão vinculados aos universitários pelo “*nexo de vida universitária*”. Entretanto, este é um grupo que nem sempre participa do movimento estudantil. Pelo contrário, enquanto grupo, não se integra ao movimento estudantil. Somente toma parte no movimento estudantil quando o país não vive em uma institucionalidade democrática ou, o que é o mesmo, quando a vida política, social e cultural da sociedade se desenvolve sob “estados de exceção”. Nestas condições ocorre a participação dos professores universitários como grupo porque, como é evidente, em diferentes situações sempre há algum docente que participa, colabora e apoia ao movimento estudantil, agindo de forma individual.

Por último, também participa do movimento estudantil os *estudantes secundaristas* devido a duas razões principais: primeiramente, existe um fenômeno de idealização dos jovens universitários por parte dos secundaristas, é uma espécie de dever atual e futuro ser um estudante universitário. Como consequência desta aspiração a ser como os universitários é que os

secundaristas se identificam com as insatisfações universitárias, tanto as atuais, quanto as insatisfações futuras (exemplo: democratização da universidade e do Chile [época de Pinochet], problemas ocupacionais, repressão, etc.). A segunda razão tem origem na situação de rejeição da “cúpula de cristal” que o Estado busca construir ao redor dos estudantes para evitar que participem no debate dos problemas que atravessa o país.

2. Algo em comum: esse algo que os une é a necessidade de transformação social.

Em nosso caso, por exemplo, é a necessidade de “recuperar a democracia” no nosso país (e com todas as consequências que tal mudança enseja).

3. Os movimentos sociais se orientam pela liderança das transformações sociais que pretendem.

Isto ocorre em algumas situações e em outras não; contudo, esta orientação lhes é própria.

Também existem análises do movimento estudantil desde uma perspectiva das classes sociais; em geral, relacionam com uma complexa categoria denominada “classe média”; alguns autores enfatizam na

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[73]

ambiguidade da situação estudantil tensionada em relação às duas classes fundamentais (burguesia e proletariado) e tendo que decidir por assumir os interesses e ideologias de uma das classes em luta; já outros autores enfatizam na existência de interesses e objetivos próprios da classe média, se expressando estruturalmente no Movimento Estudantil, sem importar qual a ideologia ou ação.

A origem social dos estudantes é predominantemente nos grupos médios. Como eles, aspiram a um destino ocupacional de classe média; na maioria das vezes a Universidade é um espaço de constituição e um canal de conquista e manutenção do poder para estes grupos, assim, qualquer análise deve considerar a relação estudante-classe média, mas também com os demais grupos sociais. Tudo isto em um sentido histórico mais que estrutural, e levando em consideração a heterogeneidade interna dos grupos médios.

Um movimento social não se esgota em uma classe ou mesmo na soma de várias delas, ainda que quase sempre existe referência a um grupo ou um campo de classe, ainda que seja somente uma identificação ideológica. Um

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[74]

movimento social é uma ação geradora de comunidade que reúne a um conjunto de indivíduos e/ou grupos sociais que se orientam de algum modo para a apropriação da história de uma sociedade, mediante a condução da mudança social.

Na verdade, está em discussão a possibilidade de que tem os estudantes de criar um movimento social, na medida em que não portam uma “nova ordem social”. Mas, quem é o portador, pelo simples fato de existir, de uma ordem alternativa? É certo que nem todo protesto ou revolta estudantil e, ainda mais, como disse Touraine (1975), somente é movimento social “a partir do momento em se transformam em um chamado à luta generalizada e não específica”. Neste sentido, nenhuma categoria social por si só seria capaz de originar movimentos sociais, porque o que constitui o movimento social é precisamente sua pretensão universal, de transcendência dos sentidos particulares de classe.

Seguindo com Touraine (1975), são três os princípios constitutivos de um movimento social: Identidade (I), Oposição (O), Totalidade (T). A Identidade tem como referência fundamental a consciência que gera

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[75]

ação, autoexpressão, uma cultura própria, poder de pressão; a Oposição faz referência ao adversário que sua ação reconhece, ou seja, seu caráter de protesto, de contestação social; e a Totalidade é a dimensão doutrinária, de projeto de sociedade, é a dimensão explicativa do “para que” constituir-se e opor-se à dominação; em suma, trata-se da aspiração de apropriação da história da sociedade.

Estando sempre presente estes três princípios de constituição, está na natureza dos movimentos sociais não poder integrá-los harmônica e unitariamente em sua ação, o que teoricamente somente ocorre no ponto extremo de institucionalização do conflito. A história de um movimento social equivale, sempre, a um permanente esforço para superar contradições internas e chegar à sua realização e, portanto, seu autodesaparecimento, gerando uma ou várias manifestações coletivas diferentes.

Considerando o que anteriormente foi dito, resulta mais simples e útil definir a um movimento social pelos elementos que ele combina. Assim, por exemplo, na Checoslováquia em 1968 o elemento central foi a Oposição-Totalidade, ou seja, a crítica ao poder Stalinista

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[76]

em nome de um modelo de desenvolvimento associativo; na França em 1968 o elemento central é a Identidade-Oposição, tal como em Berkeley, em 1968, onde, juntamente com um poderoso sentido comunitário e um claro sentido de protesto contra o poder, ainda que tenha descuidado de uma proposta alternativa de organização social ou de organização do poder. A diferença em Berkeley foi a de que o movimento estava centrado nos atores, enquanto que o Francês tinha sua atenção centrada nos objetivos; nos EUA foi gerada uma crise de consciência (Vietnam, problema racial, etc.), enquanto que na França era uma crise política.

É o contexto histórico o que define mais fundamentalmente o movimento estudantil enquanto movimento social. E aqui são várias as oposições significativas:

3.a) Centralidade-periferia da Universidade.

Quanto maior for o nível de modernização da universidade em comparação com o restante da sociedade, mais possibilidades haverá de que o movimento estudantil seja parte de um conflito que afeta as orientações e formas do

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[77]

futuro da sociedade. Os movimentos estudantis estarão mais próximos a conjugar os 3 princípios constitutivos em sua ação quanto mais central seja o papel da educação, do aparato científico, da tecnologia ou do conhecimento em geral dentro da estrutura de uma sociedade.

Movimentos estudantis periféricos ocorrem em sociedades em que o papel do saber é secundário; se encontram “*voltadas para fora*”, em busca dos interesses das forças sociais que constituem seus principais referentes, sem desenvolver paralelamente um marco de reivindicações e orientações fundamentos em problemas próprios ao meio estudantil. Isto os coloca em uma dinâmica sem retorno, com pouquíssimas possibilidades de retorno ao meio, tornando-os muito mais dependentes do comportamento dos atores sociais em relação aos quais se constituíram. Daqui que ocorre o resultado geralmente dramática de sua ação, no enfrentamento definitivo no melhor dos casos e em repressão generalizada na maioria das vezes. O movimento mexicano massacrado em Tlatelolco em 1968 é um paradigma do ocorrido em vários países latino-americanos.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[78]

3.b) *Flexibilidade-rigidez da instituição universitária.* Onde o sistema organizativo é rígido, incapacitado para negociar e absorver demandas, o movimento reivindicativo ou a revolta tem maiores possibilidades de atacar – e se vê impelido a fazê-lo – além dos limites da Universidade, no coração do poder social. Enquanto que, no caso inverso, terá que desenvolver-se no interior da institucionalidade universitária. É nesta situação que uma das condições que distinguem aos movimentos de Reforma nos últimos anos de 1960 dos primeiros anos da década de 1970 em nosso país? Uma universidade com um poder absolutista que não negocia e que impulsiona o conflito para o centro do poder social e tem um impacto de grande significação na consciência pública, como foi no caso da UC; em contraste, o caso da Universidade do Chile com sua intrincada institucionalidade de grande capacidade para incorporar demandas e atores sem ruptura, o conflito é muito mais limitado ao âmbito da instituição e com menos projeções no espaço público. O mesmo distingue a Columbia, Berkeley, nos EUA em 1965.

3.c) Centralização-descentralização do poder político, visibilidade e grau de institucionalização. Quando está fortemente constituído, o movimento estudantil se lança a uma ação política mais direta, atacando o sistema de poder. Com um sistema político mais diversificado, com autonomia e coesão da elite política, o ataque se orienta, mais precisamente, para a ordem social, com um carácter mais cultural que político.

É claro que isso tem a ver com grande parte da diferença entre o Maio de 1968 na França e na Itália, devido ao carácter muito mais difuso do poder na Itália.

3.d) Estabilidade-crise social. O tipo de crise define, de certo modo, o movimento e suas possibilidades de articulação com outras categorias sociais, assim como seu papel político e a manutenção dos limites de sua identidade. Por exemplo, no Chile, o que diferencia em parte a FECH dos anos de 1920 do movimento que participa na derrota de Ibañez, se explica pela diferença entre uma crise de hegemonia oligárquica e uma crise propriamente política.

Será a articulação concreta e histórica destes fatores o que configurará o caráter do movimento social originado pelo protesto estudantil. Touraine (1971) elabora um esquema no qual classifica alguns dos movimentos estudantis de fins da década de 1960. Faremos a transcrição com o objetivo de incitar a discussão para localizar aqueles que não encontramos em nosso país.

Sistema Institucional	Organização Universitária	
a) Rígido	a) Arcaica	b) Modernizante
1) Poder Político concentrado	França	Checoslováquia
2) Poder político difuso	Itália	Columbia (USA)
b) Flexível		
1) Poder político concentrado	Japão	México
2) Poder político difuso	Alemanha	Berkeley (USA)

este quadro, fica claro que nas universidades modernas localizadas em sociedades onde é visível a concentração do poder (e especialmente se seu sistema institucional é rígido) que haverá mais possibilidades de que se gere um movimento marcadamente político.

Certamente que cada movimento estudantil é um universo complexo e contraditório onde operam vários atores individuais e coletivos, de orientações e ideologias diversas, por vezes antagônicas em sua ação, no enfrentamento ou ao menos na competição para impor suas concepções para o grupo estudantil; mas, além dessa atomização existe uma ação estudantil que é mais que a soma das diversas agrupações existentes. Daí a possibilidade de estudar aos movimentos estudantis enquanto tais, ainda que seja necessário, apesar disto, examinar a diversidade interna, particularmente para explicar a posterior fragmentação da sua ação.

Os padrões de êxito ou fracasso dos movimentos estudantis serão sempre seus efeitos de transformação universitária e sua capacidade para participar de uma ação social que amplamente transborde a Universidade e assegure a convergência com outras categorias sociais contestadoras.

Referências

DOCUMENTO DA FACULDADE DE LETRAS, LEIS E MAGISTÉRIO. Universidade de Turim, 1968.

FUER, Lewis. *Los Movimientos Estudiantiles*. Paidós: 1971.

GARRETÓN, M. A. *Universidad y política en los procesos*. FLACSO: 1979.

NIETO, Alejandro. *La Ideología Revolucionaria de los Estudiantes Europeos*. Barcelona: Ariel, 1971.

TOURAINÉ, Alain. *Introducción a la Sociología*. Ariel: 1975.

TOURAINÉ, Alain. *La Sociedad Post-industrial*. Ariel: 1971.